



## A influência do Jornalista na Cobertura de Guerra<sup>1</sup>

Marcela Lorea GOMES<sup>2</sup>

Mônica Oliveira BANDEIRA<sup>3</sup>

Eduardo RITTER<sup>4</sup>

Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, RS

### RESUMO:

O Artigo trata da importância do jornalista, não apenas como relator de uma realidade, mas principalmente como agente transformador da mesma, no momento em que elucida os fatos ocorridos nas mais extremas situações, como as guerras. A partir do paralelo traçado entre a cobertura jornalística realizada em duas guerras: a do Vietnã, com liberdade total para imprensa, e a do Golfo, com a censura de informações, pode-se perceber o poder que a informação jornalística possui na formação de opinião e sua capacidade de influenciar nos rumos da guerra.

**PALAVRAS-CHAVE:** Jornalismo internacional; cobertura de guerra; Vietnã, Golfo.

### 1 INTRODUÇÃO

O objetivo desse estudo é fazer um estudo sobre o papel do jornalismo internacional na cobertura de guerra, tendo como base dois acontecimentos que marcaram a história desse tipo de jornalismo. A partir de uma abordagem sociopolítica dos conflitos bélicos do Vietnã e do Golfo, é possível observar que o jornalismo influenciou diretamente o que acontecia dentro das zonas de batalha.

O jornalismo internacional é uma especialização do jornalismo que data da primeira metade do século XIX. Sua principal função consiste em relatar os eventos estrangeiros ao país onde está sediado o veículo de imprensa em que o jornalista trabalha. Como o jornalismo nasceu como uma atividade de comunicação local, a história da cobertura internacional está ligada ao desenvolvimento das tecnologias de comunicação, que ao longo das décadas possibilitaram a globalização informacional. (NATALI, 2011).

---

<sup>1</sup>Trabalho apresentado no II 1 – Jornalismo do XIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul realizado de 31 de maio a 2 de junho de 2012.

<sup>2</sup> Estudante de Graduação 5º. semestre do Curso de Jornalismo da UFPel email: [marcelinha.log@gmail.com](mailto:marcelinha.log@gmail.com)

<sup>3</sup> Estudante de Graduação 5º. semestre do Curso de Jornalismo da UFPel, email: [moniica.ramos@hotmail.com](mailto:moniica.ramos@hotmail.com)

<sup>4</sup> Orientador do trabalho. Professor do Curso de Jornalismo da UFPel , email: [rittergaucho@hotmail.com](mailto:rittergaucho@hotmail.com)



Uma vez entendido o papel do jornalismo internacional, passa-se a falar da Cobertura de Guerra, que consiste no trabalho dos repórteres em divulgar os fatos ocorridos durante um conflito armado. Guillermo García Espinosa de Los Monteros em *Jornalismo Internacional, Correspondentes e Testemunhos sobre o Exterior*, relata o porquê do interesse em relatar esses conflitos dramáticos:

As guerras, os conflitos político-militares nos estados coloniais europeus, foram os primeiros condutores temáticos do jornalismo em países como Inglaterra e França. Até hoje, as guerras são objeto de interesse primordial para os jornalistas; as motivações são as mesmas ontem e hoje: a vontade de relatar os dramas da guerra, a ambição de publicar as notícias que estremeçam os leitores, a necessidade de relatar com imparcialidade os fatores de uma mudança social e política. Por estas razões, a história do jornalismo está cheia de repórteres que cobriram conflitos armados de maior ou menor dimensão, por períodos curtos ou longos (MONTEROS, 1998, p.49).

Feitas essas considerações, é feito um paralelo entre duas coberturas de guerra, a da Guerra do Vietnã e a do Golfo.

## **2 A GUERRA DO VIETNÃ**

A Guerra do Vietnã foi um conflito armado ocorrido no Sudeste Asiático entre 1959 e 30 de abril de 1975. Tudo começou quando o governo americano se opôs a uma cláusula do Acordo de Genebra, a qual previa eleições em 1956, que definiriam a reunificação do país (ao norte, a República Democrática do Vietnã, comunista, com capital em Hanói, governado por Ho Chi Minh, tinha o apoio dos países socialistas China e URSS; Ao sul, a República do Vietnã, capitalista, capital em Saigon, governado por Ngo Dinh Diem, era apoiado principalmente pelos Estados Unidos.). A guerra terminou em 30 de abril de 1975, com a retirada dos Estados Unidos.

O que tornou essa guerra tão peculiar, no aspecto da cobertura jornalística, foi o fato de a guerra do Vietnã acontecer para os americanos numa época de avanços midiáticos, na qual surgiu a TV em cores.

Isso possibilitou com que fosse realizada uma cobertura jornalística ao vivo e colorida. A situação de guerra tornou-se mais real para a população, até então acostumada a imagens em preto e branco de filmes bélicos antigos. O povo americano que estava acostumado com a imagem do soldado americano como herói se apavorou ao



ver as imagens do horror da guerra. Nesse contexto o governo ficou em péssima situação em relação ao público.



5

A foto da menina queimada, fugindo nua após seu vilarejo ser devastado pelos americanos retrata o horror que foi a guerra. A imagem percorreu o mundo, sendo estampada nas mais diversas capas de jornais e revistas. Após o ataque, ela foi levada para um hospital em Saigon pelo próprio fotógrafo, onde ficou 14 meses internada e passou por 17 cirurgias.

Em 1972, Kim Phuc tinha 9 anos. Hoje, aos 48, é casada e mora no Canadá com seus dois filhos. A vietnamita passou a atuar como ativista de direitos humanos, tornou-se embaixadora da Unesco e criou uma fundação. Sua foto, tirada por Huynh Cong Ut, fotógrafo da agência Associated Press, ganhou o Prêmio Pulitzer do ano seguinte e se transformou no símbolo do conflito.(CHADE, 2009).<sup>6</sup>

O clima de indignação generalizada que se instalou entre os norte-americanos contribuiu para que em 30 de abril de 1975, os Estados Unidos se retirassem da Guerra no Vietnã. A intensa cobertura da imprensa (jornais e TV) expôs totalmente os horrores

<sup>5</sup> Kim Phuc. Trang Bang, Vietnã, 08/06/1972. Foto: Nick Ut/AP. Disponível em : <http://blogs.estadao.com.br/olhar-sobre-o-mundo/guerra-do-vietna-imagens-do-horror/>

<sup>6</sup> Disponível em: <http://www.estadao.com.br/noticias/impreso,o-destino-da-menina-que-foi-a-cara-de-uma-guerra,481141,0.htm>



dessa guerra. Assim, a comunicação social mobilizou grande parte da opinião pública norte-americana, colaborando para o surgimento de diversos movimentos pacifistas e grande pressão contra a presença militar dos Estados Unidos no sudeste asiático.

A derrota na Guerra do Vietnã deixou claro para as autoridades americanas que, ao permitir aos jornalistas acesso irrestrito a todos os cenários de guerra e a relatar o que quisessem e como quisessem, gerariam situações desfavoráveis aos seus interesses. O mesmo não aconteceu na cobertura da guerra do Golfo, vejamos na sequência seu contexto.

### **3 GUERRA DO GOLFO**

Em 1990, o Iraque, liderado por Saddam Hussein, invadiu o país vizinho Kuwait, alegando que eles estavam vendendo petróleo a um preço muito baixo, prejudicando, desta forma, o comércio iraquiano. Outra justificativa para a invasão era a reivindicação da devolução de um território que pertencia ao Kuwait e que o governo iraquiano alegava ter sido parte do Iraque no passado.

Apesar da ONU ter condenado a invasão e determinado a retirada das tropas iraquianas, o Iraque não retirou seu exército. Então um grupo de países (Inglaterra, França, Egito, Síria, Arábia Saudita) liderados pelos Estados Unidos, atacou Bagdá em 17 de janeiro de 1991. Os ataques persistiram durante um mês e meio.

A Guerra do Golfo ficou conhecida muito mais pelas imagens, que pareciam ser de computador, do que pelas vítimas, destruição e mortes. Praticamente não houve confrontos corpo-a-corpo: toda a atividade se resumiu numa destruição de objetivos através de mísseis dirigidos eletronicamente, para fora do alcance da visão humana. Isso se deve ao fato de que os EUA aprenderam a lição com a guerra do Vietnã. Os militares passaram a limitar e a controlar os movimentos dos jornalistas, não permitindo o acesso a determinado tipo de informações e proibindo a sua movimentação em determinados locais. O direito à informação ficou, assim, profundamente comprometido.

A censura ocorreu de ambos os lados. Bush proibiu que mostrassem imagens de corpos de soldados americanos mortos, ou que se divulgassem informações sobre o número de combatentes, navios, aviões e armamentos mobilizados. Hussein impediu que se mostrassem na televisão imagens das baixas civis ou militares e costumava



utilizar o recurso do corte de energia elétrica para evitar que as imagens obtidas por jornalistas em Bagdá, fossem transmitidas ao exterior.

Na Europa todo material iconográfico gravado em Israel tinha de ser submetido à censura antes da remessa ao exterior.

A imprensa, televisiva e também escrita, transformou as armas e a alta tecnologia bélica nos principais protagonistas da guerra, numa incrível inversão de papéis, em que o homem, o horror, a destruição e a ferocidade da guerra foram deixados em segundo plano. (ZARPELÃO, 2005, p.01).

Conforme o mesmo autor, tudo se fez nessa guerra para eliminar as transmissões em tempo real. A Guerra do Golfo chegou até nós quase que exclusivamente pelas *vozes* que a reportaram. A televisão conseguiu provar que uma guerra sem imagens não implica necessariamente uma guerra controlada, de significados congelados e rigidamente estabelecidos. A guerra foi marcada, portanto, pela escassez de informações, censura e pela cobertura hegemônica da CNN – *Cable News Network*.

Torna-se claro a partir das ideias apresentadas que o jornalismo internacional, através da cobertura de guerra realizada pelos jornalistas, possui o poder de influenciar os resultados finais dos conflitos bélicos. Conforme supracitado foi exatamente isso que aconteceu na Guerra do Vietnã, quando os *media* ao exporem a dura realidade do conflito ao povo americano, fizeram com que esses pressionassem o governo dos EUA a se retirar do confronto. Já na Guerra do Golfo, aprendida a lição da Guerra do Vietnã, os governos se preocuparam em censurar e controlar as informações que seriam transmitidas ao seu povo.

#### **4 A COBERTURA DE GUERRA**

Nada melhor do que o livro *O gosto da guerra* (2005), do jornalista José Hamilton Ribeiro para ilustrar o papel da cobertura de guerra e como a imprensa pode influenciar no desfecho de uma batalha. Em seu livro, Ribeiro conta como foi a cobertura da guerra do Vietnã e a volta ao país cerca de três décadas depois. Além disso, fala sobre a rotina de vida dos soldados americanos que estavam lá, como viviam, se divertiam e sobreviviam.



Ribeiro é um jornalista brasileiro que participou da cobertura da guerra do Vietnã em 1968 quando trabalhava para a Revista Realidade, na época a principal revista brasileira. Hoje José conta com mais 50 anos de carreira, é autor de oito livros, vencedor de sete Prêmios Esso, e há duas décadas está no comando do programa agrícola Globo Rural.

Ribeiro é prova viva da liberdade de imprensa que houve na Guerra do Vietnã. Liberdade essa, nunca vista anteriormente e que não será vista durante muito tempo, que foi capaz de influenciar o modo como a população mundial, não só a americana, viu o que realmente aconteceu durante o conflito. Mostrou quem era o opressor e quem era o oprimido, apontou quem realmente sofria e como sofria. Em seu livro Ribeiro conta:

Foi a cobertura do Vietnã – sobretudo a dos americanos, e lá, principalmente, a de tevê – que fez com que, pela primeira vez na história, o povo dos EUA se colocasse contra seu próprio governo, de tal forma que fez minar o apoio político com que Washington contava (RIBEIRO, 2005, p.106)

Conforme o jornalista destaca, o que se vê na tevê muitas vezes não é a realidade. O fato por muitas vezes é muito mais árduo, como ele mesmo pode presenciar durante a Guerra do Vietnã.

Tudo teve início quando Ribeiro ficou sabendo que revista Realidade iria para o Vietnã, no final de 1967. A revista comprava notícias sobre o que acontecia no Vietnã, diante desta situação eles foram convidados pela Embaixada Americana para cobrirem a guerra. Ao ser chamado para fazer a cobertura, Ribeiro não hesitou, aceitou na hora, pois segundo ele: “Todo repórter é também um aventureiro. Está sempre de espírito preparado para conhecer e enfrentar situações novas e aventuras. E o Vietnã era uma grande, uma fantástica aventura” (RIBEIRO, 2005, p.40).

Entretanto a direção da revista não aceitou o convite da Embaixada americana, e preferiu ir por conta própria, conforme Ribeiro, “para que ele tivesse uma ‘visão brasileira’ da guerra” (RIBEIRO, ANO, p.41). A ideia era visitar os dois Vietnãs, o do Norte e o do Sul. Como a revista queria mostrar os dois lados com imparcialidade, o Norte não aceitou a ida do jornalista. Assim, restou apenas o Vietnã do Sul, no qual ele



iria ficar até o dia 20 de março, mas devido a um acidente, que o fez perder uma perna, ficou até o dia 4 de abril.

Para realizar a cobertura, ele contratou um fotógrafo japonês, indicado por uma agência, chamado Kêi Shimamoto,. Entretanto, o jornalista não possuía uma sintonia com relação às fotos tiradas pelo fotógrafo durante o tempo em que ficaram na guerra.

Shimamoto é japonês e ‘cobre’ a guerra do Vietnã há dois anos. Já calejado com todas as coisas que acontecem nesta guerra, mantém-se, a meu ver, insuportavelmente foca diante de situações que deixariam eufórico qualquer fotógrafo brasileiro (RIBEIRO, 2005, p.14).

Em seu livro Ribeiro conta com detalhes como foi a sensação de perder uma perna após pisar em uma mina terrestre, numa operação na Estrada sem Alegria. “Sentia na boca um gosto ruim, como se tivesse engolido um punhado de terra, pólvora e sangue – hoje eu sei, era o gosto da guerra” (RIBEIRO, 2005, p.20). Enquanto estava no Hospital de primeiro socorros no Vietnã ele escutou diversas histórias a respeito da guerra:

Para os Americanos todos os Vietnamitas eram inimigos, eles eram chamados de vicis ou Charlie, fazendo menção ao personagem da historieta Charlie Chan. “Os mortos são todos rotulados de vietcongues. Não importa que entre eles haja uma velha de 80 anos, um doente que estava preso à cama ou duas ou três crianças. É vietnamita, morreu de balar ou de bomba, está caracterizado: *vici*.” (RIBEIRO, 2005, p.27).

Seu desejo ao chegar no Vietnã era entrevistar um vietcongue. Porém, havia duas formas para que isso ocorresse: a mais fácil, era visitando um campo de prisioneiros, a mais difícil, diga-se de passagem impossível era com eles em plena ação. Ele conheceu muitos vietnamitas andando pelas ruas do país, vários deles haviam sofrido pela guerra. Conforme Ribeiro escutou de um nativo, o povo do Vietnã estava lutando para serem donos de seu país e além de tudo serem livres.

Durante o tempo que ficou deitado na maca do hospital americano no Vietnã, José Hamilton sentiu emoções controvérsias. Ora ficava triste, ora aceitava o destino da viagem, ora se revoltava No quarto dia de hospital pensou: “Valeu a pena ter vindo? Apesar da tristeza toda de agora, ainda não consigo aceitar a ideia de estar arrependido. Não estou arrependido, não. Foi uma fatalidade, é só” (RIBEIRO, 2005, p.47). Já no oitavo dia ficou se perguntando por que isso tinha acontecido com ele e não com um soldado americano.



Tomo consciência da canalhice dos meus pensamentos, e isso se torna um fator a mais de angústia. Então, seu Zé, você não presta mesmo, nem por fora nem por dentro! Por fora, essa perna apodrecendo, minando água suja; por dentro, esses pensamentos canalhas, sujos, porcos. Você devia ter morrido... (RIBEIRO, 2005, p. 64)

Dados a respeito da guerra durante a narrativa ajudam a contextualizar a desigualdade entre os vietcongues e os soldados americanos. Enquanto os americanos possuíam cerca de 16 hospitais, helicópteros, munição, bombas de todos os tipos e diversas mulheres a sua disposição; os vietcongues lutavam para serem livres com poucos recursos e pouca dignidade.

Os casos de espionagem eram muito comuns durante o conflito. Em *Reportagem produzida em 2005 para o curso de jornalismo da Uniara*, José Hamilton conta uma ocasião em que a agência de notícias Associated Press começou a pagar 15 dólares por informações que poderiam ser aproveitadas:

Dezenas de vietnamitas apareciam com notícias, mas um grupo ganhou a credibilidade por sempre apresentar informações que procediam, muitas vezes até com fotos. A agência passou a dar grandes furos nos concorrentes. Quando o conflito terminou, os informantes foram vistos em jipes inimigos, ou seja, eram todos espões passando notícias falsas para a agência. Outra situação parecida aconteceu com a revista americana Time, que havia instalado um escritório no local e nomeado um chefe vietnamita. Com o final da guerra, este admitiu ser um coronel do exército inimigo, infiltrado na imprensa americana. (SOUSA, 2005, p.1)

Uma estratégia utilizada pelos americanos para que os Vietnamitas acreditassem que os vietcongues eram os verdadeiros inimigos foram as ‘propagandas’ feitas pela televisão ou nos cartazes pelas ruas do país. Nestas publicidades eles atribuíam toda a culpa da guerra e da destruição das casas e famílias aos vicis. Para Ribeiro, a propaganda era ineficiente.

De todas as pessoas com quem falei a respeito, ouvi uma resposta só: o vietcongue não destrói um quarteirão sequer, e pode até não ser porque não queira. É porque não pode. O que destrói as casas, os quarteirões, os bairros, é o contra-ataque – a resposta brutal, violenta, desproporcional, por parte dos americanos (RIBEIRO, 2005, p. 56)

As dores do acidente vinham e voltavam, havia dias que a agonia cessava, outros em que vinha mais forte. Ao conversar com os médicos ficou sabendo de uma



doença que pessoas que viveram na guerra, como doutores, soldados e jornalistas sofrem: o *short time*. Seus sintomas são diarreia, insônia, dores difusas pelo corpo, e tonturas. Ribeiro explica que essa doença atingia as pessoas que tinham pouco tempo para voltar para casa ou que haviam acabado de chegar à guerra.

Os recém-chegados preocupavam-se com a morte resultando o *short time*, após sanados eles voltavam a lutar, os que não se curavam voltavam para os Estados Unidos e começavam um tratamento psiquiátrico. Já os que estavam prestes a ir embora se desesperavam com medo de que algo desse errado e eles ficassem presos na guerra ou morressem.

A notícia de que ele estava liberado para ir para os Estados Unidos terminar o tratamento foi recebida com alegria. Ribeiro descreve com detalhes o que sentiu quando o médico começou a examinar a sua perna momentos antes da notícia:

Chega o médico. Cheira perna e começa a arrancar as bandagens e a gaze; é a coisa que mais me dana – não podem fazer isso devagar, com um pouco de cuidado? Não podem ir jogando um líquido qualquer para desprezar os curativos da pele e, assim, não produzir tanta dor? Aguenta, homem, é a guerra, sempre essa porcaria de guerra [...] – Tá aí Ribeiro. Você tem passagem garantida no vôo de amanhã! (RIBEIRO, 2005, p.91)

Já nos Estados Unidos ele se sente melhor, com parte da família por perto não há mais a sensação de solidão que tinha no Vietnã. “Tenho muita confiança de que vou ficar bom e de que vou poder continuar ganhando a vida com o meu trabalho”, assim pensava Ribeiro cerca de dois meses após o acidente. Como ele esperava, continuou a exercer a profissão que ao mesmo tempo que lhe deu muitas vitórias, também causou dor e sofrimento.

O que leva um jornalista a uma cobertura de guerra ou a uma situação de perigo, um pouco é vaidade; um pouco é espírito de aventura; um pouco é ambição profissional; e muito, mas muito mesmo, é a sensação, entre romântica e missionária, de que faz parte de sua vocação estar onde a notícia estiver, seja para ali atuar como testemunha da história, seja para denunciar o que estiver havendo de abuso de poder (político, psicológico, econômico, militar), seja para açoiar a injustiça, a iniquidade e o preconceito. Após tudo isso, uma pitada de falta de juízo. (RIBEIRO, 2005 p.103)

Como conta no livro, publicado em 2005, José Hamilton voltou ao Vietnã 27 anos depois para fazer uma reportagem especial dos 30 anos da Rede Globo. Ao chegar



no país asiático foi em busca das pessoas com quem falou durante a guerra, desde o vietnamita que mostrou Saigon para ele até o Padre catarinense que cuidou de um orfanato. Entretanto as buscas foram em vão, ninguém foi encontrada, nenhuma pista de onde estariam. Isto se deve ao fato de que o nome das ruas foram mudados e os bairros foram trocados de lugar. De acordo com o que lhe foi informado havia três hipóteses para o sumiço das pessoas: ou elas haviam deixado o país, ou haviam morrido, ou estavam presas ou ainda estavam sendo procuradas pela polícia e não queriam ser encontradas.

Apesar disso, ao andar pelo país ele procurou pessoas com muletas, mutilados ou falando sozinho, achando assim um vietnamita que se revelou um antigo vietcongue. Esse senhor, vestido a caráter, o levou até a antiga *Estrada sem Alegria* onde ele conseguiu fazer a sua matéria e descobrir que as minas ainda continuavam lá, algumas visíveis outras enterradas a espera de um desavisado. Conforme Ribeiro, o governo americano, mais especificamente o exército, ainda procurava mais de 2 mil soldados perdidos durante a guerra.

Uma das inspirações de Ribeiro, como consta em seu livro, foi Alfredo d'Escrangnolle, escritor de *A Retirada de Laguna*, livro inspirado no que ocorreu em Jardim no Mato Grosso do Sul durante a Guerra do Paraguai. Visconde de Taunay foi o primeiro correspondente de guerra que o Brasil já possuiu.

O livro de José Hamilton Ribeiro possui extrema importância para o entendimento do jornalismo internacional. Para José Hamilton Ribeiro o fim da Guerra do Vietnã é mérito da cobertura jornalística jamais vista em um conflito bélico no mundo. Um dado surpreendente é que dos 2 mil correspondentes da Guerra do Vietnã ou Guerra Americana, como os Vietnamitas a denominam, 66 perderam a vida em busca de informações para os veículos de informação de seus países.



## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS:**

Uma vez entendido o poder que a informação jornalística possui na formação de opinião e sua capacidade de influenciar nos rumos da guerra, através do paralelo traçado entre a cobertura jornalística realizada na Guerra do Vietnã, com liberdade total para imprensa, e na do Golfo, com a censura de informações. Concluímos que o estudo do jornalismo internacional com ênfase na cobertura de guerra é de extrema importância, pois ajuda a moldar os rumos de nossa sociedade. Esse estudo é a apenas o início de uma pesquisa mais aprofundada. Afinal, “Guerra é ruim, mas guerra sem alguém para escrever sobre ela, é pior”: (RIBEIRO, 2005 p.103)



## REFERÊNCIAS:

CHADE, Jamil. **O destino da menina que foi a cara de uma guerra**. São Paulo: O Estado de S.Paulo, 2009. <http://www.estadao.com.br/noticias/impreso,o-destino-da-menina-que-foi-a-cara-de-uma-guerra,481141,0.htm> Acesso em: 17/02/2012

FUKUDA, Nilton. **Guerra do Vietnã – Imagens do horror**. SP: O Estado de S.Paulo, 2010. Disponível em: <http://blogs.estadao.com.br/olhar-sobre-o-mundo/guerra-do-vietna-imagens-do-horror/> Acesso em: 30/03/2012

MACHADO, Arlindo. **O telejornal em tempo de guerra**. São Paulo: USP, 2009. Disponível em: <http://www.usp.br/revistausp/12/17-arlindo.pdf> Acesso em: 30/03/2012.

NATALI, João Batista. **Jornalismo Internacional**. São Paulo: Contexto, 2011.

RIBEIRO, José Hamilton. **O Gosto da Guerra**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.

SOUZA, Carlos André de. **Alunos provam “O Gosto da Guerra” em palestra de José Hamilton Ribeiro**. São Paulo: Centro Universitário Araraquara, 2005.

Disponível em: <http://www.arteandre.com.br/texto1.htm> Acesso em: 17/03/2012

ZARPELÃO, Sandro. **A imprensa brasileira e a Guerra do Golfo (1990-1991)**. Campinas: ALB, 2005. Disponível em: <http://alb.com.br/arquivo-morto/anaisjornal/jornal3/pdfs/017a.pdf> Acesso em: 14/03/2012